

1. SOGRAS E GENROS NUMA GUERRA UNIVERSAL

Não cabe somente à sogra a responsabilidade pela idiosincrasia existente entre ela e o genro. A verdade é que também há muito genro com culpa no cartório e que alimenta essa animosidade com todas as suas forças, a ponto de transformar a casa num verdadeiro inferno.

O escritor Luís Luna, que tantos bons livros escreveu sobre o Nordeste, nos fala de um genro de gênio forte que ele conheceu em Limoeiro, seu Panf(il)ão, dono de uma bodega que ficava na estrada que vai para Bom Jardim. Seu Panfo havia declarado guerra à sogra, que vivia em sua companhia como gato e rato, cada qual procurando infernar a vida um do outro.

Seu Panfo tinha tanta raiva da sogra que a contrariava até mesmo nas coisas mais simples.

Um dia, quando ele carregava um saco de milho para dentro da bodega, deu uma topada no batente.

- Vôte! Só quem vem cego. . .

O velho Panfo ficou vermelho de raiva. Voltou ao terreiro com o mesmo saco de milho na cabeça e, novamente se dirigiu à bodega, aos gritos:

- Cego, eu estou é agora!

E deu um chute, de propósito, com tanta força, no batente, que a unha do dedo grande do pé pulou fora.

De outra vez, ele abriu a torneira da ancoreta para botar uma bicada para o escritor e para ele, naquele clássico copo grosso de bodega de beira de estrada. A velha sogra, sentada num tamborete e tirando umas baforadas em seu cachimbo de barro, observou:

- Chega, Panfo! O doutor não é cachaceiro como gente que eu conheço. . .

Seu Panfo não disse nada. Abriu a torneira da ancoreta de cachaça, deixou o copo transbordar até que alagou todo o balcão. Luís Luna se levantou e fechou a torneira, enquanto o velho Panfo, calado, bufava, dirigindo à sogra o olhar mais assassino que já se viu.

Conta, também, o escritor Luís Luna, que Paul Maris Adour, jornalista francês, de visita ao Rio de Janeiro, fazendo reportagem para o Le Monde, depois de tomar umas biritas, fez-lhe a seguinte confissão: "Três coisas estragam a primavera em Paris: o general De Gaulle, os turistas sul-americanos e a madame minha sogra que, nessa época, costuma vir da província".

Assim, fica fácil concluir que não somente as sogras como também muitos genros são réus do mesmo crime e devem dar mão à palmatória.

2. A Comprideza de uma língua

A característica mais forte da sogra é gostar de falar, de falar muito, de discutir, semeando, assim, a discórdia entre a filha e o genro. Por conta disso, a sogra ganha os mais venenosos apelidos, tais como língua de cão, língua de fogo, língua de espeto, língua quente, faladeira, boca do mundo, boca de praga, linguaruda, língua ferina, língua de sete pontas. E dizem que a tarefa mais difícil e impraticável deste mundo é medir a língua de uma sogra, coisa, aliás, que ninguém ainda conseguiu fazer.

Falar demasiadamente e mal das pessoas é tão característico das sogras que um poeta popular improvisou esta sextilha:

"Difícil é se ver um boi

Subir num pé de mangueira
Sogra por boa que seja
Deixar de ser faladeira
Marido longe da esposa
Sem ter outra companheira."

Nas festas de aniversários e nos carnavais é quase comum a língua de sogra - um canudo de papel de um centímetro de largura por um palmo de comprimento e que, ao ser soprado em uma das extremidades, se desenrola, produzindo um som sibilante.

Em Mato Grosso, existe um remédio que dizem ser muito bom para curar as sogras faladeiras. Ensina Hélio Serejo: "Querendo o genro travar a língua da sogra, é só atirar três grãos de milho torrado debaixo da cama dela. A sogra fica silenciosa que é uma beleza".

Não custa nada experimentar.

3. Estória da sogra do diabo que era mais ladina do que o diabo e conseguiu aprisioná-lo, etc.

Era uma vez uma sogra, uma sogra muito diferente porque ela era sogra do Diabo. Como não podia deixar de ser, sua filha vinha sofrendo, há muito tempo, toda a sorte de maus-tratos, pois o Diabo era um marido muito ruim, muito embuanceiro e não a deixava sossegada um só instante sequer. A sogra, que não era flor que se cheirasse, vivia, pelos cantos da casa, pensando numa maneira de acabar com o sofrimento de sua filha. E entrava dia e saía dia, entrava mês e saía mês, entrava ano e saía ano e o Diabo, todo santo dia, não perdia a vez de maltratar sua mulher, coitada.

Um belo dia a sogra do Diabo teve uma idéia: ia acordar logo que o dia começasse a clarear, esperar que o Diabo despertasse para pegá-lo de surpresa e colocá-lo numa garrafa, o que poderia ser feito pelo buraco da fechadura, para que ele nem percebesse. Assim pensou e assim fez. Arranjou uma garrafa escura e ficou esperando na porta do quarto, do lado de fora, que o Diabo acordasse. E quando o Diabo acordou, a sogra colocou a garrafa no buraco da fechadura que era por onde ele costumava entrar e sair todos os dias e, assim, num instante o aprisionou. Arrolhou, então, a garrafa, bem arrolhada e, altas horas da noite, a velha foi enterrar a garrafa numa grotta esquisita, onde ninguém passava por lá.

Foi um santo remédio. Nunca mais ninguém teve notícias do Diabo, nem do seu paradeiro. É que a sogra tinha feito um serviço muito bem feito porque era mais sabida e mais ladina do que o Diabo.

Fonte: MAIOR, Mario Solto. *Sogras: prós & contras e outras conversas*: Recife, 1992.112 p.